



GRUPO
MÚSICA
CONTEMPORÂNEA
LISBOA

Notas de programa

LUÍS TINOCO – Três Poemas do Oriente 2001

Stephen Reckert, no seu ensaio “The Presence of East Asia in Some Modern Portuguese Poets”, descreve Pessanha como “o poeta da música verbal” - (por comparação com Cesário Verde, “o poeta do visual” e com Pessoa, “o poeta das ideias”).

Em Pessanha, para além da dimensão musical da sua escrita, interessou-me também a dualidade Ocidente / Oriente - na sua condensação do discurso; na obsessão pela morte e pelo mistério da existência; na relação com o *Tempo fugitivo* que se escuta no correr da água da clepsydra (*Poema Final*) ou na metáfora das águas do rio que fogem sob o seu olhar cansado (*Passou o outono já, já torna o frio...*).

A instrumentação escolhida, de certo modo, reflete essa síntese de fontes europeias - onde se destaca França e autores como Verlaine, que surge citado no poema *Meus olhos apagados* - e orientais, através da vivência de Pessanha em Macau. Procurei também uma certa condensação do discurso musical - criando *ressonâncias* entre andamentos – e optando por uma certa monotonia e repetição de alguns materiais melódicos e harmónicos, também observável na tristeza de versos como “Só, incessante, um som de flauta chora...” (*Ao longe os Barcos de Flores*) ou “Cair, sempre cair. [...] / Caí e derramai-vos, Como a água morrente” (*Meus olhos apagados*). *Três Poemas do Oriente* é dedicado ao *Grupo de Música Contemporânea de Lisboa*.

Luís Tinoco, XI.2001

Il pleure dans mon coeur

Comme il pleut sur la ville.

VERLAINE

I.

Meus olhos apagados,
Vede a água cair.
Das beiras dos telhados,
Cair, sempre cair.

Das beiras dos telhados,
Cair, quase morrer...
Meus olhos apagados,
E cansados de ver.

Meus olhos, afogai-vos
Na vã tristeza ambiente.
Caí e derramai-vos
Como a água morrente.

II.

(...)

Águas claras do rio! Águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?

(...)

III.

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
- Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
- O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica, sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
- Estranha sombra em movimentos vão.